

Ideologias enfrentadas por um Brasil melhor e aspectos traumáticos em *Palavras Cruzadas* de Guiomar de Grammont

Miguel Salvador Lemos Baladan¹

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise sobre o romance *Palavras Cruzadas* (2015) de Guiomar de Grammont, o objetivo é observar os aspectos formais da obra e tecer relações de sentidos tanto literárias quanto históricas; destacar a interpretação que o narrador realiza sobre a última Ditadura Militar brasileira e discutir os conceitos de ideologia e de trauma, para assim, abordar o eixo central da narrativa que apresenta, a partir de uma escala que se desenvolve desde o microsistema (no nível pessoal) em direção ao macrosistema (no contexto nacional), respectivamente: uma protagonista traumatizada pelo desaparecimento de seu irmão na ditadura; o qual além de ser seu irmão era filho, pai, amigo, namorado e cidadão da República Federativa do Brasil. Quer dizer, se apresenta a figura do desaparecido metaforizada em diversos papéis sociais que se viram violentados nesse período histórico e demonstra-se que o trauma é um estado psíquico que afetou não só as pessoas envolvidas diretamente no conflito da guerrilha e ditadura, mas sim a todos os cidadãos, a uns de forma direta e a outros de forma indireta. Por outra parte, desde a perspectiva do significado da palavra ideologia, se incursiona pelos aspectos contraditórios dos discursos políticos e filosóficos enfrentados nesse período, em que cada ideologia política lutava por um conjunto de ideias sobre a melhor forma de governar o Estado brasileiro (de forma mais equitativa, se pressupõe); mas que sem um consenso político acabaram conduzindo o país a uma Ditadura Militar de direita. O trabalho se apoia teoricamente em autores como Aristóteles (2005), Gagnebin (2006), Laplanche (2004), Maestro (2018), entre outros.

Palavras-Chave: Ditadura Militar brasileira; Guiomar de Grammont; Ideologia; Palavras cruzadas; Trauma.

1. Sobre a autora e breve sinopse do romance

Guiomar de Grammont surge no palco nacional das letras com uma extensa produção literária, constituída tanto por narrativas curtas, quanto por romances. Destacam-se o conjunto de contos *Corpo e Sangue* (1991), *O fruto do vosso ventre* (1994), assim como o romance *A casa dos espelhos* (1992), que recebeu alguns prêmios literários², o que comprova o reconhecimento da escritora por parte da crítica.

Neste artigo³, temos por objetivo realizar um estudo crítico sobre seu romance, *Palavras Cruzadas* (GRAMMONT; 2015). Esta narrativa penetra num universo ficcional, o qual coincide com um episódio histórico brasileiro recente e nebuloso, em que guerrilha, ditadura, desaparecidos, perigo, culpa, trauma, tortura, repressão, ferida, cicatriz são, não apenas substantivos, mas temas encarados frontalmente; isto é, questões abordadas com notável vigor narrativo. O eixo ficcional se articula em pequenas doses de suspense que,

¹ Doutorando e Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: salvador.baladan@gmail.com

²Pela obra *O fruto de vosso ventre* Guiomar de Grammont recebeu o Prêmio Casa de las Américas, em Cuba (1993). Foi finalista com *A casa dos espelhos* do prêmio Cidade de Belo Horizonte (1995).

³ O presente trabalho, de autoria de Miguel Salvador Lemos Baladan, foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

levado aos extremos com intensidade e tensão, conclui numa espécie de catarse, se é considerada a nomenclatura típica da tragédia grega. Nas palavras da filósofa brasileira Viviane Mosé (2012), a arte é aquilo que tem a capacidade de comover e, lembra que, segundo Schiller, a comoção é o sentimento confuso de sofrimento e prazer no sofrimento. A estudiosa (MOSÉ, 2012, p. 80) ainda afirma que o estado de sensibilidade em si mesmo possui algo que proporciona prazer e deduz:

[...] só conseguimos nos comover com o nosso próprio sofrimento, quando a dor é suficientemente moderada para dar lugar ao prazer. Aquilo que hoje nos prostra ao chão, e comove quem nos assiste, em algum tempo será lembrado por nós com uma sensibilidade comovida (MOSÉ, 2012, p. 80).

Esta citação permite pensar sobre a função da arte como meio de reflexão a partir da experiência estética. Função esta que surge em *Palavras Cruzadas*, pois a ficção se estabelece em camadas verossímeis, no limiar com a realidade histórica, em que o narrador onisciente conta as andanças da protagonista, Sofia, por volta do ano de 1995, a qual procura, incansavelmente, seu irmão Leonardo, desaparecido na guerrilha do Araguaia. A obra se condensa por meio de dois relatos escritos, os quais se assemelham a diários pessoais, o primeiro, de uma guerrilheira e o segundo de um guerrilheiro; materiais estes que caem nas mãos de Sofia de forma misteriosa e que são, imediatamente, devorados por ela; numa leitura frenética, na tentativa enérgica de encontrar seu irmão. Estes relatos são o pontapé inicial que vão impulsionar a protagonista a mergulhar numa sequência de pesquisas, viagens, entrevistas, aventuras e reflexões na procura de respostas frente ao desaparecimento de Leonardo e de uma descoberta surpreendente.

2. *Palavras cruzadas* e discursos enfrentados

O título faz referência aos relatos que Sofia vai esmiuçar ao longo da trama, com muita sofreguidão, na busca de seu irmão (estes relatos, por si mesmos, já representam um desencontro discursivo, quer dizer, são escritos, primeiramente, por um guerrilheiro, o qual, perdido na mata, registra suas peripécias com o objetivo de que, alguma vez, seu manuscrito seja lido por sua companheira, a qual precisou afastar-se da guerrilha. Num segundo plano e cronologicamente anterior ao primeiro, o relato que sucede ao desse jovem perdido é o da guerrilheira – sua companheira – a qual conta suas desventuras no Araguaia, seu treinamento para a guerrilha, bem como acerca dos trabalhos realizados, as contradições ou arbitrariedades da organização etc.).

Ao longo do romance ainda surgem as *Palavras cruzadas* ou desencontradas que Sofia vai trocar com sua mãe Luisa, com Laura, a filha de um militar que mora em Brasília, com o senhor Guillermo, o cubano que foi treinador dos guerrilheiros brasileiros que foram aprender estratégias de combate em Cuba, com Marcos, seu melhor amigo, com Taco, um companheiro de Leonardo na guerrilha etc. Essas palavras se cruzam num plano mais superficial e ficcional, mas, no cenário social e político brasileiro, *Palavras Cruzadas*, todavia, é metáfora dos discursos políticos enfrentados sobre o que foi a ditadura, a guerrilha, a repressão, enfim, todo o período que perdurou de 1964 a 1985. Tais discursos têm procurado, ao longo dos anos, não uma parcialização, consenso, esclarecimento ou consciência da realidade e da mutilação nacional que significou esse recorte temporal, mas sim uma intensificação de fanatismo, de ódio e de oposição entre ideologias e entre militantes de direita e de esquerda. Neste sentido, o romance em análise é um forte material de denúncia sobre o que foram os ideais liderados por muitas pessoas letradas e politizadas (grande ironia esta) capaz de promover um fratricídio nacional, um enfrentamento sangrento, turbulento e empobrecedor. Empobrecedor, principalmente, numa perspectiva intelectual e filosófica.

Em suas entrelinhas, o romance envolve uma espécie de mitificação sobre o que foi a guerrilha e revela, no decorrer do relato, uma desmitificação desse lapso temporal, o qual, até a atualidade, causa grande polêmica e, em certos casos, admiração. É possível afirmar que, numa linguagem meticulosa, ríspida e candente, os acontecimentos se materializam numa estrutura narrativa de suspense e se apresentam como pontos de interrogação sobre o que foi o período de ditadura e guerrilha no Brasil.

2.1 Sofia e Antígona, singularidades

A epígrafe do romance é extremamente significativa e reveladora. Antígona é uma reconhecida tragédia de Sófocles, representada por vez primeira, aproximadamente, no ano de 442 a.C. A jovem protagonista, filha de Édipo, é condenada à morte por Creonte (o então rei de Tebas), por desobedecer uma determinação sua, segundo a qual o corpo de Polinices (seu irmão), que morreu numa luta contra Tebas, devia permanecer insepulto e ser entregue aos cães e aves de rapina. Contrariando esse decreto desumano, Antígona se rebela, dando uma sepultura digna ao irmão. A heroína trágica se justifica frente ao rei:

Se eu tivesse tolerado que o cadáver do filho de minha mãe ficasse insepulto, isso sim me atormentaria; [...] se, portanto, o que fiz te parece loucura e insensatez, é bem possível que esse erro parta da boca de um louco (SÓFOCLES, 2016, p. 57–58).

Esta ação por parte de Antígona e sua referida fala criam uma tensão política em Atenas, onde o poder é repressivo e arbitrário. Com sua procedência, demonstra também a importância da sepultura de um corpo, uma tradição milenar (que nem os deuses permitem que seja transgredida), acompanhada, dependendo da civilização, de diferentes rituais. Ou seja, há uma referência, não só antropológica e histórica, mas também literária, sobre a importância da sepultura e do culto aos mortos, o qual é significativo para quem o realiza. Isto é, para os vivos que choram seus mortos. Este ritual permite canalizar a dor, tanto que, a protagonista expressa, mesmo sabendo que será condenada a morte, que lhe ter dado sepultura ao cadáver do irmão não lhe dói, nem lhe aflige. É, pois, nesta mesma direção que parte Sofia, numa procura aguçada e destemida pelo irmão. Apesar da intertextualidade expressa pela epígrafe, há outros indícios que permitem certa relação entre a trama da tragédia e do romance. Não há de se esquecer de que a tragédia, de acordo com Aristóteles (2015, p.71–73) é

[...] a mimese de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada, [...] que se efetua por meio de ações dramatizadas [...] e que, em função da compaixão e do pavor, realiza a catarse de tais emoções. (ARISTÓTELES, 2015, p.71–73).

A tragédia apresenta heróis com valores elevados, os quais têm como único objetivo fazer o bem, e são, irremediavelmente, condenados a um destino trágico que, em nome de sua nobreza e na busca de justiça, acaba concretizando-se. Este tipo de trama acaba tendo uma tensão interna, a qual permite que os sentimentos de terror e piedade surjam e, com eles, a purificação, a mencionada catarse, que permite purgar as emoções. Em contrapartida, da comédia uma arte segundo Aristóteles hierarquicamente inferior à tragédia, que representa seres de caráter vulgar e mimetiza modelos de comportamentos ridículos, isto é, seres inferiores, incapazes de experimentar as emoções catárticas promovidas pela tragédia.

Deste modo, para delinear, grosseiramente, o que seria o romance, utilizando as mesmas palavras de Aristóteles, é possível estabelecer que se trata da imitação de uma ação (não necessariamente de caráter elevado) dotada de certa extensão, em linguagem ornamentada (em prosa) que se efetua mediante narrativa e que opera como material literário.

No caso do romance, também se estabelece uma tensão como pano de fundo, o que permite haver, no final da trama, uma espécie de purificação, catarse, mesmo que não se

apresentem personagens de caráter elevado⁴. Mas o que esta característica antagônica tem a ver com o romance? Ora, em *Palavras Cruzadas*, a protagonista projeta, idealmente, em seu irmão a figura de um herói, uma vez que ele acreditava num ideal, buscava justiça, lutava por um mundo melhor e porque teve a coragem suficiente para ser um revolucionário. Dessa forma, Leonardo vai se construindo através da voz da irmã, da mãe, do pai, num herói, isso é apreciável:

[...] Tanto para seus pais, como para amigos e familiares, o desaparecimento do filho e irmão tinha permanecido envolto em uma áurea de admiração, ainda maior do que a saudade. Por mais que se evitasse falar no assunto, todos imaginavam, cada um à sua maneira, o que Leonardo tinha vivido: aventuras, atos de heroísmo e bravura, resistência sob torturas inimagináveis. [...] A ausência construiu, pouco a pouco, o mito: Leonardo não tivera defeitos, fragilidades, limites. Era lembrado pelo humor, pela coragem e pela generosidade. Não era humano, tinha se tornado um herói [...] (GRAMMONT, 2015, p. 202–203).

De modo contraditório, em diferentes impasses entre a procura e a intensidade das sensações que Sofia vai experimentando neste ato de busca, também revolucionário, começa a surgir, no desenvolvimento da narrativa, a desmitificação desse herói. Surgem fatos que revelam o caráter humano (a imperfeição) de seu irmão e aquela figura emblemática construída para preencher o espaço vazio vai embaçando-se com a compreensão dos acontecimentos:

Estarrecida com a informação de que o irmão teria participado da morte de um companheiro, [...] Sofia confirmou, com pesar, que realmente o guerrilheiro Antônio – codinome de Leonardo – também teria participado do ato truculento, segundo o testemunho dado na prisão por Taco e por outro membro da ALN [...] (GRAMMONT, 2015, p. 202).

Em sua investigação, Sofia vai tomando conhecimento das atrocidades tanto da ditadura, quanto da guerrilha e, nestes caminhos tortuosos, encontra diferentes fios que não a conduzem ao irmão, mas sim ao conhecimento de sua trajetória e ao encontro da sobrinha. Tais fatos permitem à protagonista e ao leitor uma espécie de purgação das emoções, pois os acontecimentos formalmente apresentados na narrativa são metáfora da sociedade brasileira como um todo. Qual foi o fruto dos diferentes encontros violentos? A morte, os desaparecidos, os “órfãos” e, com estes últimos, à esperança de que o mesmo cenário político, social, repressivo e revolucionário não se repita.

⁴ Esta é a grande questão, como é sabido, o romance nasce com a “morte do herói”, isto é, tradicionalmente, os romances apresentam anti-heróis, ou seja, o oposto ao que seria um sujeito unificado, nobre, quase perfeito, justo, honesto etc.

Para encerrar as similitudes que unem *Antígona* e *Palavras Cruzadas*, é interessante notar que ambos os irmãos (Polinices e Leonardo) foram contra o poder que vigorava na época. Lutando por um ideal, Polinices foi morto e Leonardo (ainda que se possa presumir que também morreu, pois, seu corpo nunca aparece) surge no romance como um desaparecido. Em contrapartida, Antígona consegue sepultar, ainda que precariamente, seu irmão, e é condenada à morte. Sofia não consegue dar jazigo ao corpo do irmão, mas triunfa ao dar uma unidade à história de Leonardo. O que une estas duas protagonistas é a destemida determinação em procurar um túmulo e uma memória para seus mortos.

2.2 Sobre os ideais:

A teoria das ideias de Platão (ARISTÓTELES, 2005) estabelece que o mundo sensível (ou seja, o mundo real) é apenas uma cópia do mundo ideal (ou seja, o mundo perfeito). Nessa dicotomia, o homem tem se constituído e todas as suas grandes investidas filosóficas, históricas, políticas, sociais, religiosas, bélicas etc. estiveram ou estão perpassadas por essa ideia fundamental de concepção de mundo. Com frequência, quando a humanidade caminha em prol de uma teleologia, tem como finalidade um ideal, isto é, um fim que pode ser atingido. Deste modo, convergem o mundo imperfeito, o espaço em que as pessoas vivem, interagem e o mundo perfeito, um lugar ideal, em que tudo supostamente alcança uma harmonia. As civilizações têm se construído com base nessa ambiguidade, para a qual o mundo sensível procura, em todo momento, atingir o estado do mundo inteligível. O mais nítido exemplo dessa concepção é o cristianismo, o qual promulga, em suas principais bases, o sacrifício no mundo imperfeito em troca do benefício no mundo perfeito.

Com base nesta teoria, é possível afirmar que, em *Palavras cruzadas* (2015), o irmão da protagonista está determinado pelo idealismo, esta hipótese é fácil de constatar ao responder a seguinte interrogação: por que lutavam os guerrilheiros? Uma resposta simples, mas, não por isso, menos verdadeira, é que eles lutavam por um mundo melhor e mais honesto. Nas palavras da guerrilheira que escreve seu diário: “Sei que só em um mundo mais justo conseguiremos ser felizes [...]” (GRAMMONT, 2015, p. 101). Esta resposta em si mesma é relativa, porque as noções de justiça, de dignidade, de felicidade etc. dependem do posicionamento ideológico que cada ser possui, ou seja, para o socialismo, a justiça se materializa numa série de questões, diferentes ao capitalismo, por exemplo.

Uma contradição que surge no romance é a tentativa de combater a violência com violência, a intolerância com intolerância, tudo na procura de atingir um ideal que não é único e, portanto, sempre gerará conflitos. Um exemplo:

Contaram que o dono do depósito de castanhas matou a pauladas um pai de família que reclamou que aquilo não estava certo. O assassino apareceu morto na semana passada. Alguém do nosso grupo o liquidou. Ele também tinha filhos. Fiquei confusa. Uma morte por outra... onde iríamos parar? (GRAMMONT, 2015, p. 99).

É possível notar que a guerrilheira faz um questionamento acerca do que está ocorrendo, quer dizer, que reparo social ou político, que justiça pode haver por trás dessa atitude? Todos os sujeitos de uma nação estão respaldados, para o bem e para o mal, por um código jurídico civil e penal⁵.

Nesse sentido, é preciso notar que Leonardo acaba matando, em conjunto com outros colegas, um companheiro de guerrilha, apenas por este querer sair da facção, já que, depois de entrar, não podiam desertar; as mulheres se ficassem grávidas, não tinham escolha, deviam abortar; estas evidências demonstram que não havia respeito a um pensamento diferente. Estes fatos demonstram as contradições existentes dentro do Movimento de Liberação Nacional MLN, suas arbitrariedades e aspectos repressivos, assim como a carência de critérios “justos” para lidar com seus “companheiros” e suas liberdades individuais. É necessário notar que há uma hierarquia por cima destes guerrilheiros, rebeldes, que se dizem livres e revolucionários, mas que, na verdade, são tão submissos quanto os soldados do exército que, também, vão para o Araguaia combater sob o mando dos generais. Não se pretende justificar o exército, nem as torturas e mortes que foram efetuadas. Do mesmo modo, também não se procura justificar as guerrilhas, apenas se busca realizar uma reflexão crítica e especificar os fatos presentes na narrativa, os quais servem como argumentos para desmitificar os fanatismos políticos e ideológicos para ambas as partes.

Para continuar, é relevante tentar responder à seguinte pergunta: o que são as ideologias e o que representam na vida das pessoas? Com relação a esse tema, o professor espanhol Jesús G. Maestro (2018) afirma:

Ideología es todo discurso basado en creencias, apariencias o fenomenologías, constitutivo de un mundo social, histórico y político, cuyos contenidos materiales están determinados básicamente por estos tres tipos de intereses prácticos inmediatos, identificables con un gremio o grupo social, y cuyas formas objetivas son resultado de una sofística, enmendada a un saber crítico (ciencia o filosofía). La ideología incurre siempre en la deformación aberrante del pensamiento crítico, y por eso se enfrenta de este modo con la *ciencia* y con la *filosofía* (MAESTRO, 2018, s/p).

⁵ Nesta perspectiva cabe destacar que, em teoria, todas as formas de comportamento ou de ajuizamento que escapam as leis que constituem o Estado de Direito que convencionalmente, regem a sociedade, são catalogadas como barbárie.

Com esta consideração, é possível ressaltar ao menos dois critérios, o primeiro é que a ideologia é um discurso constitutivo de um mundo social, histórico e político, portanto, diz respeito a manifestações plurais que convergem entre si nas civilizações. Assim, não há civilizações se não há ideologia (a qual nunca é apenas uma), de modo que constituem um ponto central na humanidade, porém a intolerância de sua existência ou de sua convergência configura um problema. O segundo ponto relevante é que estas contribuem, nas sociedades (nas vidas das pessoas), para assegurar a coesão do grupo social em função de interesses práticos imediatos, isto é, de interesses políticos decisivos.

Ressaltar estes aspectos se torna importante, já que, na história, tem-se sucedido vários episódios de intolerância frente a posicionamentos ideológicos discordantes em nome da promulgação de um ideal ou sistema de pensamento que majoritariamente é considerado “mais legítimo”. Quer dizer, a união, a força, o número de pessoas que acredita num ideal representam, muitas vezes, uma forma de legitimação da relevância de tal ideologia frente a outras. Estas forças que representam os ideais têm sido, com frequência, o berço da intolerância e têm possibilitado, em mais de uma ocasião, genocídios, como os milhares de homicídios nas diversas Guerras Santas no decorrer dos séculos, crimes justificados com o ideal de expandir a religião cristã; os indígenas mortos na América com o objetivo de um ideal de civilização europeia; os judeus no período da II Guerra Mundial, mortos pelo ideal da formação de uma raça pura (ariana); estes são apenas escassos exemplos históricos da barbárie “civilizatória”⁶ e, ainda, o ponto de interesse: todos os desaparecidos durante a ditadura, não só brasileira, mas de toda a América Latina, também mortos sob a justificativa de um ideal político e ideológico.

Nessa perspectiva, é possível catalogar *Palavras Cruzadas* como uma narrativa pacifista, que tenta evidenciar as atrocidades cometidas por ambas às partes, tanto pelos ditadores, quanto pela guerrilha. Demonstra que violência gera violência e que os enfrentamentos que caracterizaram o Brasil entre 1964 e 1985 constituíram um grande fratricídio, irmãos lutando entre si, compatriotas enfrentados. De todo o terror resultou um vazio enorme, a busca dos desaparecidos, milhares de famílias traumatizadas e uma nação inimistada por questões que, no fim, escapam às grandes camadas populares, mas que,

⁶ Dicotomia entre barbárie e civilização, quer dizer, das atrocidades que se cometeram em nome de um “conceito” de civilização, de ordem e progresso (casualmente o lema de nossa bandeira). Quer dizer, a imposição do processo de “civilizar” necessariamente, implica o outro lado da face, que é a barbárie, já que não se trata de um desencadeamento projetado e pacífico dos acontecimentos, senão de uma imposição às pessoas referente ao modo de se comportar, de pensar, de trabalhar, de se educar e de ler o mundo. Isto é, a “civilização” chega fantasiada com o slogan de “progresso” e por simples raciocínio dicotômico, tudo o que não se encaixa com o que ela impõe é bárbaro, errado e atrasado, etc.

ambiguamente, com frequência, são as que mais sofrem frente às situações que envolvem decisões políticas.

2.3 Os traumas

Neste romance, quase todas as personagens sofrem traumas pós-ditadura, seja pelo vazio que constitui a ausência de seus seres queridos desaparecidos, seja por terem vivenciado alguma situação traumática. O trauma, nas palavras da estudiosa Jeanne Marie Gagnebin, é “a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito” (GAGNEBIN, 2006, p. 110). Este conceito é importante na medida em que materializa a incapacidade do indivíduo de responder a um acontecimento da vida, o qual, segundo a psicanálise, se caracteriza por uma intensidade, a qual produz um estado somático de excitação (nervosismo ou contração) e um estado de susto (o qual provém do medo de experimentar uma situação perigosa sem estar preparado para ela); isto é, um estado de comoção excessivo em relação com a tolerância do indivíduo e sua capacidade de controlar e elaborar psiquicamente tais excitações (LAPLANCHE, PONTALIS, 2004). Em outras palavras, o trauma representa um acúmulo de intensidade proporcionado por um fato ou por uma sucessão de fatos que acabam marcando o sujeito, o qual carece de recursos psicológicos e psíquicos para enfrentar tal situação.

No romance, como mencionado, várias personagens aparecem com traços traumáticos, estas são: Sofia, Leonardo, Guillermo (um cubano que treinou guerrilheiros brasileiros), o militar (pai de Laura), Mario (pai de Sofia), Luisa (mãe da protagonista), Taco (político que foi guerrilheiro), Mariana (guerrilheira e companheira de Leonardo), os pais de Mariana e Cíntia (a sobrinha de Sofia). Numa observação apurada, é possível notar que a maioria das personagens está implicada nas violentas marcas da ditadura; os que ficam de fora dos traumas são Marcos e depois outras personagens periféricas. Outro ponto importante é que Taco e sua irmã são as únicas personagens que sofrem torturas, embora exista a possibilidade de que Leonardo e Mariana também tenham sido torturados. É sabido que foram desaparecidos, portanto, presume-se, através do não dito, que sofreram violências tanto psicológicas quanto físicas. Por outra parte, as demais personagens sofrem traumas derivados da falta, da ausência e da incerteza do que pode ter acontecido com eles.

A seguir, se tentará demonstrar como essas personagens vivem o trauma, por exemplo, sobre Sofia, manifesta-se:

Leonardo não morreu. Nenhum corpo foi velado, não houve lágrimas, despedida ou alma encomendada aos céus. Leonardo tornou-se uma presença eterna. Sofia sentia culpa, mesmo sem motivo. Sua vida se suspendeu naquela ausência. Era um sentimento difuso. Em sua consciência ela sabia que não era responsável pelo desaparecimento dele, mas seu irmão não voltaria tampouco. Essa falta não permitia que ela construísse nada, nem em sua vida afetiva, nem na profissional (GRAMMONT, 2015, p. 56).

A protagonista, angustiada pela falta do irmão, se sente incapaz de construir um caminho em sua vida que escape à ausência de Leonardo, mas, contraditoriamente, essa ausência acaba por ser uma força impulsiva que, ao longo da trama, lhe permite sair de seu estado de impotência.

É importante prestar atenção ao sentimento de culpa do qual Sofia padece. De acordo com a Psicanálise, este é designado como um estado afetivo consecutivo a um ato que o sujeito considera repreensível, um sentimento difuso de indignidade pessoal sem relação com um ato pontual do qual o sujeito pudesse acusar-se (LAPLANCHE; PONTALIS, 2004). Este estado se manifesta como motivações inconscientes que vão de encontro com ideias obsessivas, contra as quais o indivíduo luta conscientemente. A culpa, com frequência, desaba na autopunição, em sentimentos de vergonha e de fracasso, ou seja, resulta ser um sofrimento ao qual o sujeito se submete. Na passagem a seguir, é notável o modo como o sentimento de culpabilidade surge:

A tristeza de Luisa repercutiu em Sofia, nessa culpa que ela iria carregar para sempre. Ela amava o irmão, mas sua imagem se tornara um peso: Leonardo era o herói, o mártir que lutara por um ideal. E ela, Sofia? Sua vida parecia tão fútil e vazia diante daquele desaparecimento! A lembrança do irmão se tornava em uma suave autocensura, a cada vez que ela ia ao cabeleireiro fazer as unhas ou quando comprava uma roupa ou uma bolsa nova. Nos momentos felizes, quando se regozijava com a vida, o pensamento voltava, mais incômodo do que nunca. Sofia não se sentia no direito de ser feliz. Saber o que havia acontecido a Leonardo era uma responsabilidade que lhe cabia e que ela não estava cumprindo (GRAMMONT, 2015, p. 60).

A culpa se manifesta como uma ação inconsciente de sofrimento em contraste com uma tentativa consciente de experimentar um estado de bem-estar, é dizer, se materializa na eleição que Sofia realiza quando, podendo escolher ser feliz, decide prostrar-se pela falta de Leonardo, ao invés de procurar tranquilidade e paz. Mas, antagonicamente, a força consciente e o desejo de auto superação são fatores que estimulam Sofia a sair atrás do irmão, a viajar, a entrevistar pessoas, a investigar, na procura de uma explicação que lhe permita dar fim à dor que sente pelo vazio do não saber o fim de Leonardo. Nota-se, deste modo que é para sarar suas feridas que Sofia embarca nos relatos dos desaparecidos (e em vários acontecimentos), para conseguir compreender e se explicar, na materialidade das palavras, o desaparecimento do irmão. Construir uma unidade de sentido para a figura ausente de Leonardo é o meio que

lhe permitirá soltar as amarras que a prendem à inconcretude de si mesma. É, pois, através da protagonista que se torna possível conhecer as várias feridas que tecem a história da guerrilha e da ditadura.

As incursões da protagonista demonstram que o guerrilheiro sofre o trauma de ter matado, junto a seus companheiros, um colega que queria desertar, sair da guerrilha urbana, pois sentia medo. É interessante notar que esse trauma não é revelado através de sua própria fala, quem conta esse acontecimento é Taco e, depois, Sofia vai checar essa informação nos escritórios do Brasil: Nunca Mais. Outra personagem que sabe que Leonardo participou da execução de um companheiro é Luisa, sua mãe, ela soube através da voz do próprio filho e, em meio às investigações de Sofia, compartilha essa informação com a filha.

De acordo com a narrativa, o irmão de Sofia participava como militante da guerrilha urbana e, frente ao acontecimento, para dissipar sua culpa e sua perturbação, decide partir para a guerrilha do Araguaia⁷ e, lá, experimenta um conjunto de peripécias até ser aprisionado e desaparecido pelos militares. Além desse trauma, há também uma espécie de ressentimento ou constrangimento com relação a seu pai, Mario. Este filho, num momento em que se sente perdido na floresta, desabafa no diário:

Recordei, com saudades, da minha infância, minha mãe, minha irmã, até do meu pai, tive vontade de abraçar meu pai e perdoa-lo [...]. Pedi perdão ao pai, chorando com muita tristeza em pensar que talvez ele jamais soubesse do meu arrependimento (GRAMMONT, 2015, p. 26).

Um aspecto relevante a ser considerado é que Leonardo atua como um fugitivo na narrativa. Os problemas pessoais que experimenta são motivo para que procure caminhos que lhe sirvam de escapatória, pois ele vai embora de casa com problemas mal resolvidos com o pai, conflitos desconhecidos pelos leitores, mas que exigem, como manifesta a citação, um perdão e um choro, visto que, em sua fala, transparece uma dor que se condensa na ausência de um perdão e no arrependimento. O trauma o caracteriza através da evasão, visto que, nas situações em que se percebe frente ao perigo, procura sair de seus tormentos sem conseguir

⁷ Conflito de luta armada (guerrilheiro – revolucionário) que tinha como objetivo derrubar a Ditadura Militar implantada em 1964. Dito movimento aconteceu na região amazônica, às margens do rio Araguaia (entre os estados de Tocantins e Pará), estava liderado pelo PCdoB (Partido Comunista do Brasil). A guerrilha esteve inspirada nas revoluções socialistas ocorridas em Cuba e China. Como pretendia ser uma revolução social, o movimento começou a se gestar na década de 1960, em que os jovens revolucionários se mudaram para a região do Araguaia para conhecer a selva e os cidadãos que ali viviam com o intuito de que estes se unissem à revolução, assim como para treinar para a guerrilha. Logo, em 1972 começaram os confrontos armados entre os guerrilheiros e as Forças Armadas do Brasil, que tiveram lugar até o ano de 1975, em que a guerrilha foi sufocada pelas Forças Militares que saíram vencedoras. Estimam-se uns 60 mortos entre os guerrilheiros (membros do PCdoB), e 19 agricultores que lutaram ao seu lado pela revolução. Em contrapartida, do lado dos militares, se estima que houve umas 20 baixas (ARNS; 1985).

enfrentá-los. Foge com a ferida de suas perturbações aberta e com uma carência na capacidade, não só da materialização simbólica de seus medos, de suas culpas, mas também com a ausência de seu corpo do espaço físico que o feriu. O trauma o deixa desamparado de recursos psicológicos para refletir sobre sua própria vida; o menino indefeso que habita seu interior se veste de guerrilheiro para enfrentar um mundo que, no fundo, o amedronta, o constrange e o coíbe.

Outra personagem traumatizada é Guillermo, o cubano que treinou guerrilheiros brasileiros em Cuba. Este senhor de idade, do qual Sofia se aproxima procurando informações sobre seu irmão desaparecido, lhe conta as barbáries das guerras. Relata, especificamente, sobre a guerra pela independência da Angola, na qual participou e conta que, numa ocasião, um companheiro matou um colega por engano, por medo, porque a vida na guerra, no meio da selva, perturba, cria fantasmas e paranoias.

Guillermo, em suas palavras, transmite a inutilidade de lutar até a morte por um ideal. Demonstra que é impossível ser incompatível com a realidade, deixando em evidência que esta tritura quem não é capaz de adaptar-se a ela. Dito de outro modo, esta personagem, com sua experiência de vida, com sua graça de ser um sobrevivente, compreende que a luta armada não leva a nada que não seja à morte, à destruição e à violência. Ainda, compreendeu que as mudanças políticas devem efetuar-se na passividade, no debate, na argumentação, de muitas formas, mas não mediante a guerra, a luta deve ser política, discursiva, reflexiva, porém não armada.

Na sequência, surge, com vestígios de uma perturbação traumática, o militar (que não recebe nome na narrativa), o qual representa toda a força repressora da ditadura. O pai de Laura é quem procura entrar em contato, mesmo que tardiamente, com a família de Sofia, encarna a figura do torturador, do opressor, mas não por isso menos atormentado com as consequências da ditadura. Cabe ressaltar que o militar, que não possui uma voz para expressar seus pesares, experimenta o trauma de ter recebido ordens para executar torturas e para matar. Tornou-se, assim, numa figura repressiva em nome de uma instituição, pois, do mesmo modo que os guerrilheiros não podiam desertar em nome de sua causa, os militares também não podiam abandonar o exército em nome da defesa da soberania do país. Neste ponto, se encontram as duas forças enfrentadas, as duas ideologias, com todo seu poder e toda a inutilidade dos confrontos que promoveram um fratricídio nacional.

Mario, o pai de Leonardo, sofre com a ausência do filho e sente-se culpado. Numa carta, que nunca foi enviada, é possível observar um pai traumatizado, que morre angustiado, sem redenção e sem conhecimento do paradeiro do filho ou de seu corpo. Esse homem,

metáfora do cidadão brasileiro, tem muitas perguntas sem respostas e é testemunha dos problemas políticos da época, os quais ficaram encobertos numa sangrenta nuvem de interrogações, de buscas inúteis, de lutos sem corpos, de mortes sem sepulturas e de uma pobreza humanitária e filosófica sobre o futuro dessas famílias e desse país que lutava e se debatia contra si mesmo.

A mãe de Sofia é uma mulher forte, que padece pelo desaparecimento do filho e que não se resigna de esperá-lo eternamente, até que a morte, traiçoeira, vá à sua procura. Luisa é uma das personagens centrais, pois é quem envia, de forma misteriosa, os relatos dos guerrilheiros à protagonista, sendo quem contribui para que Sofia possa enfrentar seu trauma, elaborar seu luto. A mãe tece estratégias para responsabilizá-la do feito de desvendar o mistério que envolve o desaparecimento do irmão. Luisa impulsiona, imperceptivelmente, sua filha a buscar Leonardo e, dessa forma, a salva da culpa de não poder viver a própria vida com a intensidade que viveu o irmão, justamente por ter que carregar com as incertezas de qual foi seu destino como guerrilheiro. A família de Leonardo representa, portanto, as famílias atropeladas pela onda de dor e violência que constituiu a última ditadura civil militar. Luisa fica na procura de suas lembranças, sendo estas, o possível conforto frente a sua situação de desconformidade diante da realidade de ter que aceitar a perda do filho, isto é, perante a possibilidade de admitir que o desaparecimento de Leonardo signifique sua morte.

Taco que, por volta do ano de 1995, é político também se vê afetado pelos traços de um passado turvo e convulso, seu trauma está conectado com o de Leonardo, pois ambos, em conjunto com outros, participaram da execução do companheiro que desejava sair da guerrilha. A personagem sofreu, não só pelo homicídio que cometera, mas também por tudo o que implicava a vida clandestina, por exemplo, o medo de ser surpreendido em qualquer momento. Todavia, em sua fala, evidencia as arbitrariedades dos poderes e a falta de lealdade frente ao que seria uma causa “justa”. Pois que justiça pode haver numa revolução que nega o direito de liberdade individual de seus membros? E aqui há uma grande contradição, pois a ideia de liberdade individual é uma prerrogativa consolidada pelas teorias liberais, não abaladas pelo socialismo (para o qual, há de se abrir mão da liberdade individual em nome da liberdade de classe), mas que na realidade brasileira escapa a teoria marxista sobre a constituição do estado. Quer dizer, se apresenta um universo em que as personagens estão sofrendo uma confusão de sentimentos frente ao que a guerrilha representa, mas além de seus sentimentos, há também um estado de confusão ideológica no que se refere aos ideais pelos que lutam, uns ideais que começam por recortar a liberdade de escolha e, dentre os quais, não há lugar para arrependimentos.

Mas, além da questão de liberdade de escolha entre o direito de querer ficar ou sair da guerrilha, que Tribunal é esse que pode decidir sobre a vida de outra pessoa? Taco demonstra que não só os militares violaram os direitos humanos, mas os guerrilheiros também. Que justiça é essa que depende da deliberação de um conjunto seletivo de guerrilheiros que não são leais entre eles mesmos? Pois, este manifesta que desconfiava de tudo e de todos. Esse clima de desconfiança semeou uma discórdia dentro do que era a própria guerrilha como instituição⁸. Este ainda fala e em sua irmã, a qual, devido ao seu envolvimento na guerrilha, foi presa e fica implícita a possibilidade de que tenha sido torturada:

Minha irmã foi... – Ele baixou os olhos – sem que tivesse nada a ver com a guerrilha. Até hoje, mesmo querendo esquecer, ela não consegue, me responsabiliza. Nossa relação nunca mais foi a mesma (GRAMMONT, 2015, p. 197).

É outra vítima da ditadura que pagou pelas consequências dos fatos que não cometeu.

Mariana, a guerrilheira, companheira de Leonardo, sofre acontecimentos traumáticos desde o início de seu relato. Todo o diário que Sofia lê, na maior parte, é um depoimento de seu arrependimento de ter ido para a selva do Araguaia. Esta moça, cujo nome só é revelado no final do romance, manifesta sua fraqueza e seu medo: “[...] Vivo com a certeza de estar sendo seguida. Acordo sobressaltada. [...] Sentia-me como [um] pequeno animal acuado. Presa[...] numa armadilha que eu mesma procurei. [...]” (GRAMMONT, 2015, p. 93–95). Assim como esta passagem, há muitas ao longo de seu relato. Ela quer partir, mas sabe que não é possível e que sua única chance de abandonar a guerrilha se apresenta quando fica grávida e tem de ir a São Paulo para fazer o aborto.

Os pais de Mariana surgem lateralmente na pesquisa de Sofia, no curto espaço temporal em que aparecem manifestam sintomas de angústia, de arrependimento e de culpa.

A última personagem que apresenta características traumáticas, isto é, uma ferida aberta que ainda sangra, é Cíntia, a filha de Leonardo, que foi adotada pelo militar, o qual tenta estabelecer contato com sua família biológica, pedindo à filha Laura que lhe envie os relatos que estão em seu poder, os quais são de autoria dos dois guerrilheiros. O trauma de

⁸E realizando uma leitura intertextual, relacionando este acontecimento com os fatos que se desenvolvem no romance *Azul-Corvo* (2010), de Adriana Lisboa, fica fácil levantar uma hipótese da causa pela qual a personagem Fernando abandona a guerrilha sem dizer a ninguém, a não ser a mãe, que estava indo embora, acontecimento que o deixaria na mesma tormenta de poeira em que ficaram todos os desaparecidos. Pois, sabendo que não podia desertar depois de entrar como militante na guerrilha, a única forma de sair da causa seria fugir para exilar-se, como também foi o caso da personagem Klemente do romance *K. Relato de uma busca* (2012), de Bernardo Kucinski, ou ficar na obscura lista de desaparecidos. No caso de Fernando não se sabe se foi dado por morto, por desaparecido, só é possível assegurar que seu exílio não foi um caso sabido, e que não disse a seus colegas de guerrilha que estava abandonando a causa.

Cíntia se revela quando Sofia, ao visitá-la em Paris, se dirige a ela, não por esse nome, mas sim por Luisa. O narrador resume:

Ao ouvir esse nome, o corpo esguio de Cíntia, contra a luz da janela, estacou de repente. Ela estremeceu e se voltou, lenta. Inclinou a cabeça para o lado e olhou para Sofia. A lembrança soltava-se das profundezas, pedra arrastada pela água. Veio subindo à tona, devagar, envolta em algas e musgo. (GRAMMONT, 2015, p. 232).

A voz narrativa ressalta, metaforicamente, a ferida, essa pedra arrastada pela água, chamada tempo, que se mexe em suas profundezas e emerge trazendo à tona um assunto mal resolvido. A lembrança de seu nome e uma vaga imagem de sua infância, em contraste com o apagamento de seu passado, convulsionam. Cíntia é a expressão personificada do passado negado e o presente criado para poder continuar, mesmo que incertamente.

É muito importante considerar que todas essas personagens, as quais, de uma forma ou outra, apresentam um trauma, uma lesão que lhes impede de reconciliar-se com o passado ou com elas mesmas, são figuras que representam um país também traumatizado. Deste modo, cada uma retrata uma pequena ferida, diminuta, que, frente ao tamanho do Brasil, representa pequenas partículas de sangue e, juntas, deixam perceber uma ferida enorme na história brasileira recente. Todas as personagens buscam, de alguma forma, calar, porque não conseguem dizer o que foi, além do bem e do mal, o período de ditadura civil militar, a guerrilha, e as consequências de toda essa confusão sangrenta que resultou ser nada mais que uma luta fratricida.

Com respeito ao trauma nacional, vale a pena olhar o que Marcos (o amigo de Sofia) cita:

– Sim, é o que diz Ricoeur: A anistia, na verdade, impede o perdão. Para haver perdão, é preciso soltar todo o ressentimento. Só a narrativa e a memória, ou seja, a revisão do passado, permitiriam o perdão. Seria preciso recontar essa história com os olhos do presente, para exorcizar a dor (GRAMMONT, 2015, p. 174).

Isto posto, Ricoeur recomenda como processo de cicatrização dessa mutilação nacional justamente o que Sofia acaba fazendo, recontar a história a partir do presente. A protagonista consegue dar unidade a trajetória do irmão, vai ao Araguaia, a Cuba, a Brasília, à França etc., tudo em nome de descobrir qual foi o destino de Leonardo e, com isso, ela encontra sua paz. Consegue atingir um estado de tranquilidade com relação a si mesma, cumpre com o seu objetivo. Não encontra seu corpo, mas, em compensação, reconstrói seu percurso, cria uma memória sobre quais acontecimentos determinaram sua vida e, assim, concebe uma unidade de sentido sobre a existência de Leonardo e encontra sua sobrinha, o melhor presente que este poderia dar-lhe. O que Ricoeur afirma de encontro ao

posicionamento de Gagnebin “o trauma é uma ferida aberta que não consegue ser elaborada simbolicamente” (GAGNEBIN, 2006, p. 110), pois o sujeito que sofre essa lesão não consegue expressar sua dor, de modo que, o trauma nacional que padece o Brasil, não só não está num processo de elaboração simbólica, mas também, durante muito tempo, foi um assunto proibido.

O trauma nacional, para ser elaborado, requer um processo quase terapêutico. Isto é, do estabelecimento de mecanismos que possam condensar os acontecimentos ocorridos no período da ditadura em discursos, os quais, não contrapostos, enfrentados, mas sim convergentes, plurais, possam expressar a multiplicidade da complexidade que representou a morte sistemática de um cidadão multiplicado por centos numa luta desvairada por ideais que valem até o ponto em que uma morte não está em jogo. Quer dizer, a luta por ideais, neste caso, de organização e administração política, se torna estéril ao transcender o valor de uma vida. É relevante destacar que o fanatismo e a intolerância com relação a qualquer posição contrária é uma ameaça frente aos direitos democráticos e civis do outro. A heterogeneidade representa a vida humana, em suas diversas esferas como a social e a política, o romance deixa em evidência que aprender a conviver com a diferença e a respeitar cada forma de expressão é fundamental, não só para cicatrizar a ferida traumática que representa o período de pós-ditadura, mas, também, para evitar novos acontecimentos que atentem contra um novo fratricídio nacional. Obviamente, esta ideia de respeito às diferenças não pretende ser uma afirmação incondicional, justamente, a vida democrática abre caminhos para a expressão, mas também para a penalidade de comportamentos extremos, os quais devem ser punidos pela via da legalidade, neste sentido, Popper (2015) destaca que, embora cada pessoa tenha o direito de fazer uso de sua liberdade para se expressar e atuar na esfera social, devendo ser tolerada e respeitada por seus semelhantes, essa liberdade de expressão possui uns limites que devem ser respeitados e, em caso de que ocorra negligência, os grupos sociais que se sintam agredidos, devem atuar através das instituições estatais para garantir seus direitos e punir aquelas expressões que buscam agredir ou semear comportamentos violentos; quer dizer, a liberdade de expressão deve ser respeitada e tolerada enquanto não ofende ou dissemina o ódio frente a outros grupos sociais por suas particularidades ou opções de índole política, sexual, racial, económica, etc. É nesta perspectiva que Popper afirma que a sociedade é um reflexo da cidadania e que a ideia de tolerância em si mesma se compõe por uma contradição (este é o paradoxo da intolerância), uma vez que nem tudo pode ser tolerado, já que, para respeitar o princípio de pluralidade (característica essencial da sociedade moderna), tem de haver limites que tornem possível a livre expressão de cada cidadão sem colocar em perigo a liberdade e

integridade do outro, desta forma é que comportamentos neofascistas, por exemplo, não devem ser tolerados e sim denunciados e punidos.

3. Juízo geral

A última ditadura civil militar que houve no Brasil deixou grandes feridas na sociedade brasileira e uma polarização ideológica que atualmente, frente ao palco de atuação contemporâneo, se torna palpável, extremista e amedrontadora. Este romance é um bom material para pensar sobre o que foi a ditadura, a guerrilha, mas sobre tudo para refletir criticamente sobre o que restou desse período. Em base a *Palavras Cruzadas*, é possível notar que houve um fratricídio e que restou uma ferida ainda aberta, um trauma ainda não superado, uma dor ainda não canalizada, uma culpa ainda não despojada, um medo ainda não enfrentado, muitos desaparecidos ainda não encontrados, uma sociedade ainda inimistada consigo mesma e a lista ainda poderia continuar.

Diante desta interpretação, uma opção para sarar as feridas da sociedade ainda não repostas deste conflito truculento, seria embarcar na mesma viagem que a protagonista embarcou. Ou seja, à procura de uma memória e da elaboração de um discurso que possa dar uma unidade de sentido a essa etapa obscura da história brasileira. Portanto, é necessário elaborar o trauma simbolicamente, condensar os diversos discursos que materializam tal período e recontar essa história com um olhar do presente, mas não com o intuito de enfrentar pontos de vista e sim com o objetivo de compreender o que aconteceu, de observar os horrores cometidos e refletir se um ideal vale uma morte.

Considerando que a ideologia serve para identificar um conjunto de pessoas, para representar uma série de interesses partilhados por uma sociedade, para garantir a vida de uma civilização, é possível deduzir que, essa mesma ideologia, não deve ser instrumento de ação para o apagamento do diferente, para execução de uma vida. É possível concluir que o romance possui uma característica pacifista, que narra uma história na qual desvencilha episódios pouco conhecidos e muito mitificados da história recente; por outra parte se configura como um signo de interrogação gigante que questiona o leitor sobre o que é uma ditadura e se vale a pena viver num regime ditatorial; simultaneamente, mostra a contrariedades e consequências da guerrilha do Araguaia, desmitifica a ideia de que é legítimo lutar até a morte pelos ideais e interroga frontalmente ao leitor sobre o que é a justiça. Enfim, a narrativa realiza um levantamento muito oportuno sobre conceitos importantes para a vida humana numa sociedade livre e democrática, destaca desta forma a importância de conservar

a “saúde” do Estado livre e de direito que torna possível a vida em sociedade e o exercício da cidadania em liberdade.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Traduzido por Giovanni Reale. 2.ed. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

ARISTÓTELES. *Poética*. Edição bilíngue. Traduzido por Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

ARNS, Paulo Evaristo et al. *Brasil nunca mais*. 41 Ed. Petrópolis. Editora Vozes. 2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

GRAMMONT, Guiomar de. *Palavras Cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

KUCINSKI, Bernardo. *K*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Diccionario de Psicoanálisis*. Dirección de Daniel Lagache. Buenos Aires: Paidós, 2004.

LISBOA, Adriana. *Azul-Corvo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MAESTRO, Jesús G. *Ideologia*. Blog destinado a la exposición y difusión de la obra científica académica y editorial de Jesús G. Maestro. Disponível em: <<http://jesus-g-maestro.blogspot.com.br/2014/06/ideologia.html>>. Acesso em: 29 jan. 2018.

MOSÉ, Viviane. *O homem que sabe: do homo sapiens a crise da razão*. 5.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

POPPER, Karl R. *La sociedad abierta y sus enemigos*. Epublibre. Titivillus. 2015. Disponível em: <<https://proletarios.org/books/Popper-La-sociedad-abierta-y-sus-enemigos.pdf>>. Último acesso em: 17 fev. 2023.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*: livro vira-vira. Traduzido por Domingos Paschoal Cegalla. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016.

IDEOLOGÍAS ENFRENTADAS POR UN BRASIL MEJOR Y ASPECTOS TRAUMÁTICOS EN PALAVRAS CRUZADAS DE GUIOMAR DE GRAMMONT

Resumen

Este trabajo presenta un análisis sobre la novela *Palavras Cruzadas* (2015) de Guiomar de Grammont, el objetivo es observar los aspectos formales de la obra y tejer relaciones de sentidos tanto literarias como históricas; destacar la interpretación que el narrador realiza sobre la última Dictadura Militar brasileña y discutir los conceptos de ideología y de trauma, para así, abordar el eje central de la narrativa que presenta, a partir de una escala que se desarrolla desde el microsistema (del nivel personal) en dirección al macro sistema (en contexto nacional), respectivamente: una protagonista traumatizada por el desaparecimiento de su hermano en la dictadura; el cual, además de ser su hermano era hijo, padre, amigo, novio y ciudadano de la República Federativa de Brasil. Es decir, se presenta la figura del desaparecido metaforizada en diversos papeles sociales que se vieron violentados en dicho período histórico y se demuestra que el trauma es un estado psíquico que afectó no solo a las personas involucradas directamente en la contienda de la guerrilla y dictadura, sino que a todos los ciudadanos, a unos directamente y a otros de forma indirecta. Por otra parte, desde la perspectiva del significado de la palabra ideología, se incursiona por los aspectos contradictorios de los discursos políticos y filosóficos enfrentados en este período en que cada ideología política luchaba por un conjunto de ideas referentes a la mejor forma de gobernar el Estado brasileño (de forma más equitativa, se presupone); pero que, sin un consenso político, terminaron conduciendo al país a una Dictadura Militar de derechas. El trabajo se apoya teóricamente en autores como Aristóteles (2005), Gagnebin (2006), Laplanche (2004), Maestro (2018), entre otros.

Palabras clave: Dictadura Militar brasileña; Guiomar de Grammont; Ideología; Palavras cruzadas; Trauma.

ODÉOLOGIES FACE À UN BRÉSIL MEILLEUR ET LES ASPECTS TRAUMATIQUES EN MOTS CROISÉS DE GUIOMAR DE GRAMMONT

Résumé

Ce travail présente une analyse du roman *Palavras Cruzadas* (2015) de Guiomar de Grammont, l'objectif est d'observer les aspects formels de l'œuvre et de tisser des relations de significations littéraires et historiques ; mettre en évidence l'interprétation du narrateur de la dernière dictature militaire brésilienne et discuter des concepts d'idéologie et de traumatisme, afin d'aborder l'axe central du récit qu'il présente, à partir d'une échelle qui se développe du microsystème (du personnel) vers le macro système (dans le contexte national), respectivement : une protagoniste traumatisée par la disparition de son frère pendant la dictature ; qui, en plus d'être son frère, était le fils, le père, l'ami, le petit ami et le citoyen de la République fédérative du Brésil. C'est-à-dire que la figure du disparu est présentée de manière métaphorique dans divers rôles sociaux qui ont été violés au cours de ladite période historique et il est démontré que le traumatisme est un état psychique qui a affecté non seulement les personnes directement impliquées dans le conflit de la guérilla et de la dictature, mais à tous les citoyens, certains directement et d'autres indirectement. D'autre part, du point de vue de la signification du mot idéologie, il explore les aspects contradictoires des discours politiques et philosophiques rencontrés à cette époque où chaque idéologie politique se battait pour un ensemble d'idées sur la meilleure façon de gouverner l'État. Brésilien (plus équitablement, suppose-t-on) ; mais que, sans consensus politique, ils ont fini par conduire le pays à une dictature militaire de droite. Le travail est théoriquement basé sur des auteurs tels qu'Aristote (2005), Gagnebin (2006), Laplanche (2004), Maestro (2018), entre autres.

Mots clés : Dictature militaire brésilienne; Guiomar de Grammont; Idéologie; Mots croisés; Traumatisme

IDEOLOGIES FACED FOR A BETTER BRAZIL AND TRAUMATIC ASPECTS IN CROSSWORDS BY GUIOMAR DE GRAMMONT

Abstract

This work presents an analysis of the novel *Palavras Cruzadas* (2015) by Guiomar de Grammont, the objective is to observe the formal aspects of the work and weave relationships of both literary and historical meanings; highlight the narrator's interpretation of the last Brazilian Military Dictatorship and discuss the concepts of ideology and trauma, in order to approach the central axis of the narrative that he presents, from a scale that develops from the microsystem (from a personal level) in the direction to the macro system (in the national context), respectively: a protagonist traumatized by the disappearance of her brother during the dictatorship; who, in addition to being her brother, was the son, father, friend, boyfriend and citizen of the Federative Republic of Brazil. That is to say, the figure of the disappeared is presented metaphorically in various social roles that were violated in said historical period and it is shown that trauma is a psychic state that affected not only the people directly involved in the struggle of the warfare and dictatorship, but to all citizens, some directly and others indirectly. Otherwise, from the perspective of the meaning of the word ideology, dabbles in the contradictory aspects of the political and philosophical discourses faced in this period in which each political ideology fought for a set of ideas regarding the best way to govern the State. Brazilian (more equally, it is assumed); but that, without a political consensus, they ended up leading the country to a right-wing Military Dictatorship. The work is theoretically based on authors such as Aristotle (2005), Gagnebin (2006), Laplanche (2004), Maestro (2018), among others.

Keywords: Brazilian Military Dictatorship; Guiomar de Grammont; Ideology; Crosswords; Trauma.